3 1761 07041370 3

Dantas, Julio
Sonetos 2. ed.

PQ
261
3S6
918

JÚLIO DANTAS

SOCIO EFECTIVO DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

SONETOS

ILVSTRAÇÕES DE
ALBERTO SOVZA

2ª EDIÇÃO

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

J. RODRIGUES & COMPª
186 R. AUREA 188
LISBOA

nº 33

DUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/sonetosaguarelas00dant

SONETOS

Obras de Júlio Dantas

Nada (1896) — 2.ª edição.
O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
Poetas e pintores de Rilhafoles (1900).
A Severa (1901) — 3.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
Ceia dos Cardeais (1902) — 22.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 2.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 2.ª edição, ilustrada.
Rei Lear (1905).
Rosas de todo o ano (1907) — 6.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 3.ª edição.
Estática e dinâmica da fisionomia (1908) — 2.ª edição.
Outros tempos (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914).
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portugueza (1914) — 3.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 2.ª edição.
Mulheres (1917) — 2.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 2.ª edição.

JÚLIO DANTAS

Sócio Efètivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brazileira

SONETOS

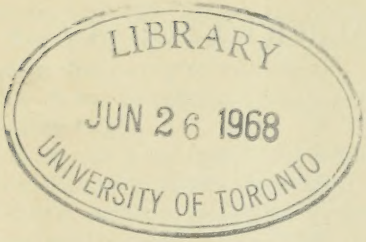
(2.ª EDIÇÃO)

AGUARELAS DE ALBERTO SOUSA

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186, RUA AUREA, 188

1918

PQ
9261
D356
1918



Tipografia do Anuario Comercial — Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

Passos
de dança.

I

O MINUETE

Ao canto do salão, olhos vagos no espaço,
Êle em púrpura e oiro, ela empoada á franceza,
O senhor Cardeal e a senhora Duqueza
Assistem, conversando, a um serão do Paço.

Marca Lucas Giovine o solene compasso;
Dança o minuete de Haydn a côrte e Sua Alteza:
E os dois velhos, lembrando a antiga gentileza
E o tempo em que, amoroso, êle lhe dava o braço,

Balbuciam, sorrindo, um tímido segredo,
Escondem-se inda mais no biombo, quasi a medo,
Como fugindo á luz da sala enorme e acêsa,

E quando um criado vem servir-lhes os gelados,
Surpreênde a dançar, velhinhos e curvados,
O senhor Cardeal e a senhora Duqueza.

II

A GAVOTA

Nas salas do marquez, sóror Clara de Lima,
Freirinha carmelita estouvada e travêssa,
O encanto das irmãs, o inferno da Abadessa,
Ensina gentilmente uma gavota á prima.

Forma-se-lhe em redor um círculo que a anima;
Geme o cravo holandez quando a lição começa;
E ela, em passos subtis, meneando a cabeça,
Dir-se-hia um Watteau que um escapulário oprima.

De casaca de sêda e cabeleira empoada,
A roda dos galans, mão no punho da espada,
Segue-lhe o voltear do pequenino pé.

E surrateiramente, escandalosamente,
Para o vêr de mais perto, o senhor Intendente
Deixa caír no chão a caixa do rapé...

III

A PAVANA

Dança a pavana a côrte; e ao terminar a dança
Ouve-se um beijo. El-rei volta-se. Sensação.
Don Ramon de Quevêdo, o ilustre fanfarrão,
Beijara em plena face a embaixatriz de França.

O marquez de Sully, o embaixador, avança,
Aproveita de prompto o ruído e a confusão,
E erguendo o punho de oiro ao trémulo bastão
Castiga o insolente até que a mão lhe cança.

Sáe da lucta, a tremer, Don Ramon de Quevêdo:
Vê o rei; quer fingir de galo novo e farto;
Puxa a pêra de chibo e a espada de Toledo.

— «E agora, Don Ramon? — diz-lhe Filipe IV —
Que fazes ao marquez?» — «Lo mataré de miedo!»
— «E á marqueza?» — «Por Diós, la mataré de parto!»

A LUVA

A LUVA

Quatro mezes depois dessa hora dolorida,
Voltei, já resignado e quasi sem rancor,
Ao ninho onde viveu aquele imenso amor
Que foi o grande amor de toda a minha vida.

Compreendi então — quanta imagem querida! —
Que pode haver encanto e doçura na dôr:
Um perfume — era o teu — palpitava em redor;
Dormia, n'um sofá, uma luva esquecida.

Uma luva e um perfume: é o que resta de ti,
Dos beijos que te dei, do inferno que sofri,
Do teu mentido amor de juras desleaes.

Que fui eu, afinal, na tua vida intensa?
O perfume que vôa e em que ninguem mais pensa,
A luva que se deixa e não se calça mais...

DEMÓSTENES

DEMÓSTENES

Em casa de Laís, Demóstenes entrara :
Como Atenas inteira, o supremo orador
Vinha comprar tambem, nuns minutos de amor,
O corpo escultural dessa beleza rara.

Quasi a possuíra já, de tanto que a sonhara :
E ao vêr, gloriosa e nua, em todo o seu explendor,
Cingindo o stróphion de oiro aos dois seios em flôr,
Essa linda mulher que se vendeu tão cara, —

Tímido, perguntou : — «Um só beijo fugaz,
Por quanto o vendes, grega ?» E ela, num gesto lento :
— «Conta mil dracmas, velho, e tu me possuirás !»

— «Quê ? Pagar por tanto oiro o beijo dum momento ?
Dar mil dracmas por ti ? Não, mulher ; fica em paz :
Eu não compro tão caro um arrependimento.»

AZULEJOS

AZULEJOS

Fômos um dia os dois, como dois bons amigos,
— Lembras-te? — aberta ao sol a sombrinha vermelha,
Vêr nos grandes salões da tua quinta velha
Uns célebres «panneaux» de azulejos antigos.

Século XVII. Um encanto. Os perigos
Que uma dama passou por causa d'uma abelha:
Um côche que se afasta, um galan que ajoelha,
E ao longe um fundo azul de campos e de trigos...

De repente, tremeu na tua a minha mão;
Baixaste o olhar; córaste: ao canto do salão,
O mesmo par azul unia-se num beijo...

Lá fora, o sol doirava a terra palpitante.
Apertei-te ao meu peito, e... — amor, d'ahi por diante
Continuámos nós dois a história do azulejo.

O FÁUNO

O FÁUNO

Junto ao plinto de pedra onde um fáuno dormita,
Arlequim, desdobrando o manto multicor,
Diz a um loiro Pierrot, a um Pierrot sonhador,
Como deve beijar-se uma mulher bonita:

— «Vêspa de oiro que foge ou rosa que palpita,
Vou dizer-te, Pierrot, qual é o beijo melhor:
A arte de beijar é uma arte esquisita,
E eu sou, ha muito tempo, um grande professor.

O beijo mais subtil, a çarícia mais louca,
É a que roça o cabelo, e mal aflora a bôca,
E desce ao seio esquerdo, e acaba a soluçar...»

— «Ingénuos! — interrompe o fáuno d'entre os ramos —
Dos milhões de milhões de beijos que nós damos,
Só ha um beijo bom — que não se chega a dar!»

A CARTA

A CARTA

Não. Ela é uma nervosa. É melhor escrever.
E d'ahi, para quê? Decerto me procura.
Rompermos por tão pouco é quasi uma loucura,
E é muito complicada a arte de romper.

O seu maior defeito é ser muito mulher.
Precisa de perdão, precisa de ternura.
Depois, o que ela diz! Depois, o que ela jura!
Depois, o que ela chora! É melhor escrever.

Duas palavras: «Vem e esquece». Vão levar-mas.
Bate no lacre de oiro o meu sinete de armas.
Ou responde, — ou o amor é uma palavra vã!

Fumo um cigarro, espero e passeio agitado.
Meia hora. Surge á porta a palidez do criado.
—«Que foi?»—pergunto-lhe eu.—«Matou-se esta manhã».

A
LIGA DA
DUQUEZA

A LIGA DA DUQUEZA

A senhora Duqueza, uma beleza antiga
De bastão de faiança e de cabelo empoado,
Certo dia, ao descer do seu estufim doirado,
Sentiu desapertar-se o fecho d'uma liga.

Córou, quiz apertá-la (ao que o pudor obriga!)
Mas voltou-se, olhou... Tinha o capelão ao lado.
Mais um passo, e perdeu-se o laço desatado,
E rebentou na côrte uma tremenda intriga.

Fizeram-se pregões. Marquezes, condes, tudo
Procurava, roçando os calções de veludo
Por baixo dos sofás, de joelhos pelo chão...

E quando já ninguem supunha — que surpreza!
Foi-se encontar por fim a liga da Duqueza
No livro de orações do padre capelão.

FEIA

FEIA

Não te amei. E porquê? Porque não ha em ti
A graça que perturba, o sorriso que enleia:
Porque eu sou cego, filha, e porque tu és feia;
Porque te olhei, amor, e porque não te vi.

Foste minha e — vê lá! — nunca te conheci.
A tua alma, tão bela e tão nobre, — ignorei-a.
Quiz beleza, frescura, — e construí na areia:
Só comecei a amar-te, hoje, que te perdi.

Amor espiritual, amor sem esperança,
Amor que não deseja e, por isso, não cança,
Amor contrito e puro, arrependido e triste...

Hoje estou convencido, ó minha gloriosa:
A paixão sem beleza é a mais perigosa;
O amor por uma feia é o maior que existe.

A
ESPADA

A ESPADA

No convento, e talvez dez léguas em redor,
Frei André de Jesus tinha fama de santo:
Vigílias, orações, milagres, — e, entretanto,
Nunca tentara a Deus tão grande pecador.

Em moço, fôra o mais terrivel e o melhor
Dos duelistas de Espanha: ao vento o feltro e o manto,
Batia-se a sorrir, matava a cada canto,
Chamava á sua espada o seu primeiro amor.

Depois envelheceu, surgiu do seu engano,
Tomou para mortalha o burél franciscano, —
Mas apesar de frade, e santo, e penitente,

Na sua cela, um dia, alguem o viu, a medo,
Abraçado a uma velha espada de Toledo,
A chorar, a chorar silenciosamente...

AS
DUAS MÔSCAS

AS DUAS MÔSCAS

No pequeno tremó do quarto de Isabela,
Flôr de carne e de luz que Rubens pintaria,
Duas môscas subtis disputavam um dia
A graça espiritual de ter poisado nela.

— «Sou mais feliz que tu, pude senti-la e vê-la!»
— «E eu beijei-a, a tremer, no leito em que dormia!»
— «Ao poisar-lhe na mão, julguei-a neve fria!»
— «E eu julguei-me — ilusão! — poisada numa estrela!»

— «A mais feliz sou eu porque a vi nua!»
— «Louca!
A minha aza doirada andou na sua boca!
Beijei, sôfregamente, os beijos que ela deu!»

— «Não digas a ninguem: eu poisei, ha um instante,
Nas lágrimas de fel que a fez chorar o amante...
Poisei sobre a sua alma: — a mais feliz sou eu!»

O INCÊNDIO

O INCÊNDIO

— «Ao convento! ao convento!» — Uiva de longe o vento.
É noite. E a multidão descalça, esfomeada,
Á luz de archotes, sobe a ladeira empedrada,
Praguejando e gritando: — «Ao convento! ao convento!»

A onda do povo cresce e galga n'um momento.
Chispam ferros no ar. A porta chapeada
De bronze, range, oscila e cai á machadada.
Nem um frade. Deserta a casa de S. Bento.

A multidão convulsa invade a portaria:
— «Fogo ao convento! Fogo á egreja, á sacristia!»
O incêndio lavra; estoira o vigamento a arder.

Em baixo, o povo dança. E uma mulher grosseira
Grita, rouca, atirando um Missal á fogueira:
— «Tanto livro, — e ninguem nos ensinou a lêr!»

AO
CANTO DO JARDIM

AO CANTO DO JARDIM

Não se zangue comigo e dê-me a sua mão,
Condessa. É mais espêsso aqui o arvoredo.
Ando ha tres anos já p'ra dizer-lhe um segredo
E, creia, inda não sei se hei-de dizer-lho ou não.

Não sei como explicar esta perturbação:
Tenho confiança em si; não é, portanto, medo.
Mas receio, não sei, creio que ainda é cedo...
E custa sempre tanto uma desilusão!

Mesmo sem eu falar, juro que me adivinha:
Bem sinto a sua mão a estremecer na minha,
Como ao ar da manhã a folhagem doirada...

Poderia, talvez, dizer-lhe tudo, agora...
Condessa, eu... — Mas que tem? Desfalece, descora...
Não, decididamente, eu não lhe digo nada.

O MISSAL

O MISSAL

Dom Frei Estêvão, irmão copista de Alcobaça,
Hábito de bernardo, alma de franciscano,
Morrera ao terminar o seu Missal romano,
Obra prima de côr, de paciência e de graça.

Copiara-o em segredo, ás noites, na luz baça
Da lâmpada; e ninguem, nenhum olhar humano
Vira essa iluminura escondida ha tanto ano,
Letras de oiro e de mínio onde um mistério passa.

Mas era curioso o reverendo Abade:
Mal o frade expirou, chama a comunidade;
Procura-se o Missal, todos o querem vêr.

E ao abri-lo, por fim, no altar para onde o levam,
Reconhecem — horror! — que o Missal de Frei Estêvão
Era uma coleção de cartas de mulher.

OS
CRAVOS
VERMELHOS

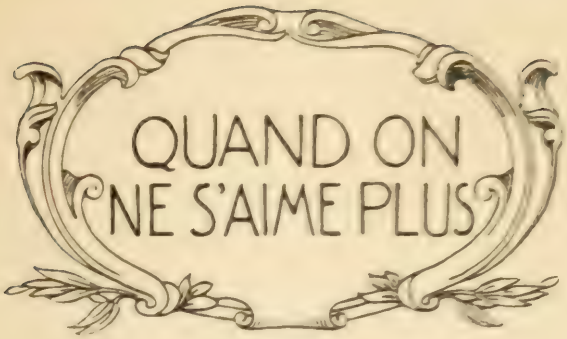
OS CRAVOS VERMELHOS

Conhecia-o de o vêr passar á minha porta :
Triste, pálido, a calça esgarçada nos joelhos,
Um fumo no chapéu, na mão cravos vermelhos, —
Ramo de sangue em flôr que um fantasma transporta.

Quem era ? Nunca o soube. A dôr que nos importa ?
Sempre os cravos, — p'ra quê ? Fantasias de velhos.
— «Sabe para quem são esses cravos vermelhos ? —
Disse-me um dia alguem. — São para a filha morta.

Vai-lhos sempre levar, de tarde, ao cemitério...»
Depois, deixei de o vêr. Onde andava ? Mistério.
Sobre a cova, talvez, a resar-lhe de joelhos...

Um dia, num jardim, atrái-me a multidão :
Um velho dera um tiro em pleno coração, —
E poisavam-lhe as mãos sobre cravos vermelhos.


QUAND ON
NE S'AIME PLUS

. . . QUAND ON NE S'AIME PLUS

Ponto final. Adeus. Tinha previsto o fim.
Quiz muito, quiz demais... O culpado fui eu.
Se é que pode morrer o que nunca viveu,
Sinto que morreu hoje o teu amor por mim.

Fiz mal em vir? Talvez. Quizeste ver-me: vim.
Que placidez a tua e que sorriso o teu!
Amor que raciocina é amor que morreu.
Pode lá nunca amar quem se domina assim!

Tinha de ser. Adeus. Deixas-me triste e doente.
Depois, qual é o amor que vive eternamente?
Tudo envelhece, e passa; e morre como tu.

Nunca mais me verás. É a vida, afinal.
Dá-me o ultimo beijo e não me queiras mal...
Il faut rompre en pleurant quand on ne s'aime plus.

LADY GODIVA

LADY GODIVA

I

Certo conde normando, assolador e hirsuto,
Senhor tradicional duma cidade ingleza,
Querendo um prato de oiro a mais na sua mesa
Lançara sobre o povo um pesado tributo.

Não podia pagá-lo o burgo irresoluto :
Era a ruína, era a fome. E desvairada, acesa,
A multidão rugia em frente á fortaleza,
Com os filhos ao colo e coberta de luto.

Mas as portas de ferro, imóveis, e pesadas,
Não se abriam. E o povo, erguendo as mãos crispadas,
Cançava-se a bradar, a uivar, a soluçar.

Caía a tarde. O sol quebrara a neve fria.
Ao sopé da montanha, o burgo adormecia
Como um cachorro aos pés duma arca tumular.

II

Dentro da fortaleza, entretanto, rodeado
De dalmáticas de oiro e capelos vermelhos,
O conde rejurava á fé dos Evangelhos
Que o burgo pagaria o tributo lançado.

Tudo aplaudiu. Sómente, alva e loira, a seu lado
Se ergueu Lady Godiva; e prostrada de joelhos,
Defendendo condoída as crianças e os velhos,
Gemeu: — «Senhor! O povo é já tão desgraçado!

Porque o não libertaes desse tremendo imposto?»
Então, o conde olhou a esposa, rosto a rosto,
E vendo-a casta e humilde, exclamou como um rei:

— «Liberto-o, se amanhã tu fôres, rua em rua,
Sôbre um cavalo branco, inteiramente nua!»
Ela baixou o olhar e murmurou: — «Irei».

III

Nasceu por fim o sol. Branca e nua — que importa,
Se é gloriosa a nudez quando se é casta e bela! —
Sobre um cavalo branco, em redoirada sela,
Como quem atravessa uma cidade morta,

Godiva, no clarão divino que a transporta,
Os braços sobre o seio, o cabelo a envolvê-la,
Percorreu todo o burgo e foi de viela em viela,
Sem que a visse ninguem, sem se abrir uma porta.

Revoavam-lhe em redor bandos de pombas brancas;
E o sol, cobrindo de oiro as suas róseas ancas,
Vestia-lhe a nudez de formas virginais...

Quando emfim regressou, loira, calma, modesta,
O bárbaro senhor beijou-a sobre a testa,
E os tributos de então não se pagaram mais.

INDICE

INDICE

Passos de Dança:

I — O Minuete ..... pag. 7

II — A Gavota ..... » 9

III — A Pavana ..... » 11

A Luva ..... » 13

Demóstenes ..... » 17

Azulejos ..... » 21

O Fáuno ..... » 25

A Carta ..... » 29

A Liga da Duqueza ..... » 33

Feia ..... » 37

A Espada ..... » 41

As Duas Môscas ..... » 45

O Incêndio ..... » 49

Ao Canto do Jardim ..... » 53

O Missal ..... » 57

Os Cravos Vermelhos ..... » 61

Quand on ne s'aime plus ..... » 65

Lady Godiva:

I ..... » 71

II ..... » 73

III ..... » 75

PQ
9261
D3S6
1918

Dantas, Julio
Sonetos 2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 03 20 05 003 8